



A METROPOLIZAÇÃO REGIONAL PERIFÉRICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS, AMAZONAS¹

Susane Patrícia Melo de Lima ²

RESUMO: O presente trabalho discute o processo de metropolização do espaço e elucida a metropolização regional periférica na Região Metropolitana de Manaus/RMM, estado do Amazonas, considerando doze municípios metropolitanos sob o comando e poder de decisão da metrópole Manaus. Teve como objetivo geral analisar o processo de metropolização regional periférico que opera na Região Metropolitana de Manaus/RMM à luz do processo de metropolização do espaço como meio, condição e produto da produção da metropolização regional. Metodologicamente, ancorou-se em uma perspectiva crítica, com o movimento do pensamento centrado em matrizes teórico-metodológicas oriundas do método dialético, ou seja, a trajetória da crítica se deu pelas aberturas do método dialético repensando categorias, conceitos e os conteúdos da ciência geográfica. Deste modo a metropolização regional periférica operante na RMM evidenciou-se como um processo espacialmente seletivo, que favorece um pequeno número de territórios urbanos em detrimento de outros, esse caráter espacialmente seletivo com face de desigualdade espacial está conexo aos efeitos expropriatórios em relação às populações. No plano local-regional alguns municípios aparecem excluídos, lhes restando alguns fragmentos da metrópole manifestos no urbano, como periferias contidas pelo centro, a metrópole Manaus, cujo domínio é constantemente reforçado. A metropolização aumenta a polarização do território metropolitano em alguns centros urbanos, sendo assim, nem todos os municípios participam da mesma forma na dinâmica metropolitana, de modo que as desigualdades majoram, expressando a metropolização regional periférica como meio, condição e produto da metropolização regional, que se reproduz regional e desigualmente de modo “energizado” pelo desenvolvimento regional desigual.

Palavras-chave: Região Metropolitana de Manaus, metropolização regional periférica, metropolização, dinâmica urbano-metropolitana.

ABSTRACT: This paper discusses the process of spatial metropolization and elucidates peripheral regional metropolization in the Manaus Metropolitan Region/MMR, Amazonas state, considering twelve metropolitan municipalities under the command and decision-making power of the Manaus metropolis. The overall objective was to analyze the peripheral regional metropolization process operating in the Manaus Metropolitan Region/MMR in light of the spatial metropolization process as a means, condition, and product of regional metropolization. Methodologically, it was anchored in a critical perspective, with the movement of thought centered on theoretical and methodological frameworks derived from the dialectical method. In other words, the trajectory of the critique unfolded through the openings of the dialectical method, rethinking categories, concepts, and the contents of geographic science. Thus, the peripheral regional metropolization operating in the MMR has emerged as a spatially selective process, favoring a small number of urban territories over others. This spatially selective nature, with its spatial inequality, is linked to the expropriatory effects on populations. At the local-regional level, some municipalities appear excluded, leaving them with fragments of the metropolis manifested in the urban sphere, such as peripheries contained by the center, the Manaus metropolis, whose dominance is constantly reinforced. Metropolization increases the polarization of the metropolitan territory in some urban centers. Thus, not all municipalities participate equally in the metropolitan dynamics, thus increasing inequalities. This expresses peripheral regional metropolization

¹ Trabalho oriundo da Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, intitulada: *A metropolização regional periférica aquém da metrópole: a Região Metropolitana de Manaus vista do lado de lá*. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10019>

² Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas/UEA no curso de Geografia, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO-UEA. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional/Npur-UEA e coordenadora do Laboratório de Estudos Humanos em Geografia/LehGeo-UEA, Manaus/AM. E-mail: spmelo@uea.edu.br

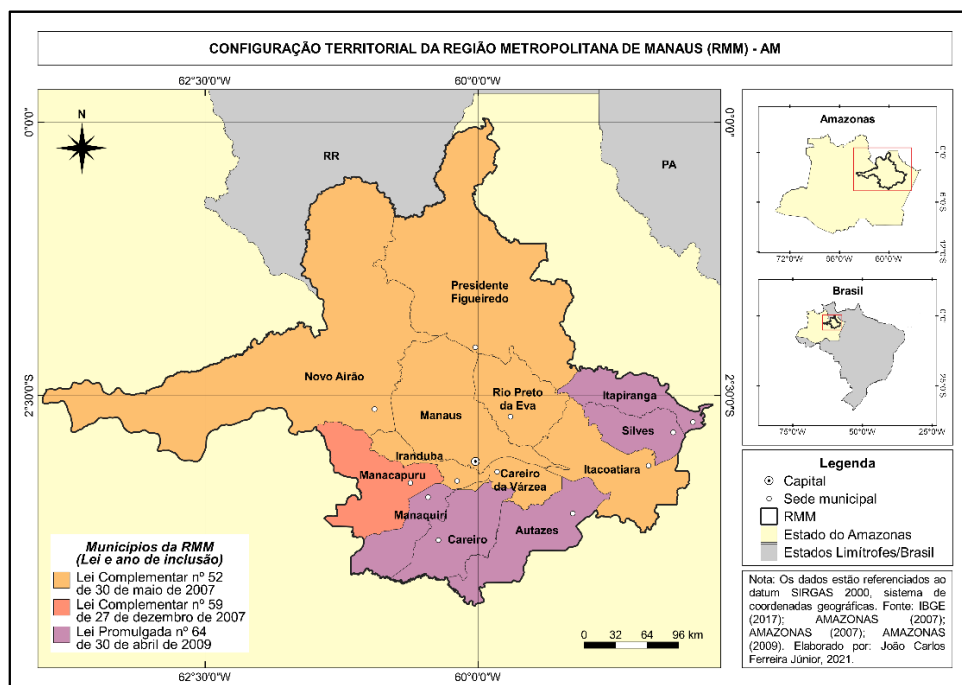
as a means, condition, and product of regional metropolization, which reproduces itself regionally and unequally, "energized" by uneven regional development.

Keywords: Metropolitan Region of Manaus, peripheral regional metropolization, metropolization, urban-metropolitan dynamics.

INTRODUÇÃO

Para a discussão da metropolização regional periférica, considera-se repensar o papel de Manaus como metrópole e a configuração da sua região metropolitana com doze municípios regionalizados e a metrópole se constitui como o décimo terceiro município. É importante destacar que a regionalização metropolitana se estabeleceu em três tempos, primeiramente a partir da Lei Complementar nº 52 de 30 de maio de 2007, que instituiu a Região Metropolitana de Manaus/RMM composta por sete municípios, a saber, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva, e neste mesmo ano, o segundo momento, pela Lei Complementar nº 59 de 27 de dezembro de 2007, inclui-se o município de Manacapuru a RMM. Em 30 de abril de 2009, sob a Lei Promulgada nº 64, o terceiro momento, acresce-se a região metropolitana os municípios de Autazes, Careiro, Itapiranga, Manaquiri e Silves, totalizando 13 municípios, compreendendo uma área territorial de 127.119 km² (figura 01).

Figura 01 – Regionalização metropolitana da Região Metropolitana de Manaus/RMM em três tempos



Fonte: De Lima, 2024.

Esta região metropolitana possui dimensão territorial expressiva perante a baixa densidade populacional, baixa intensidade de fluxos quando comparada a outras regiões



metropolitanas brasileiras que se interligam por sistemas metropolitanos de serviços, entre outras especificidades de compartilhamento em regiões metropolitanas.

Manaus e sua região metropolitana apresentam-se em polos extremos, transitando entre os pares dialéticos de grandeza e pequenez, carência e abundância; existência e ausência, o ser e o não ser, o ter e o não ter, o poder e o não poder, em um contexto que acena Manaus com perfil de metrópole, mesmo antes da institucionalização, exercendo função de comando, de direção, de decisão e de força política, mantendo uma condição primaz ao longo de sua geohistória de expansão urbana perante os demais municípios do estado.

Nesse sentido, a metrópole é considerada a partir das características metropolitanas (Lencioni 2003; 2006a; 2013), como uma unidade capaz de polarizar o território, principalmente na escala local-regional, e entre essas características, algumas sobressaem no dinamismo metropolitano, tais como, concentração e distribuição de produtos e rendimentos; fluxo mercadorias, pessoas e serviços; organização funcional dos espaços; condições de infraestrutura urbana; as articulações de poder; entre outras.

Entendemos as características metropolitanas como indica Lencioni (2003; 2006a; 2013) que a metropolização imprime marcas metropolitanas ao território, alterando estruturas pré-existentes, seja na metrópole ou não, são estas: a grande intensidade de fluxos de pessoas, mercadorias e capitais, do crescimento das atividades de serviços e de cada vez maior demanda do trabalho imaterial, da concentração de atividades de gestão e administração, da cada vez maior utilização de tecnologias de informação e comunicação, de grande variedade de atividades econômicas com maior concentração de serviços de ordem superior, da exacerbação da associação entre o capital financeiro, promotores imobiliários e da indústria da construção, da produção de um modo de viver e de consumo que se espelha no perfil da metrópole. “Essas características fazem com que não só as práticas sociais, mas, inclusive as identidades dos lugares fiquem sujeitas aos códigos metropolitanos” (Lencioni, 2003, p. 35).

A metropolização perpassa essas características, transforma as cidades e conduz a planos distintos de integração dos territórios a um dinamismo metropolitano particular, ou seja, influenciado pelos sistemas naturais evidenciando uma concatenação entre a importante tríade analítica amazônica: Povos-Rios-Florestas.

O trabalho em tela enfatiza que existe um protagonismo nos estudos urbanos quanto ao processo de metropolização, principalmente na virada do século XX, quando a indústria em contexto global diminui o protagonismo na referência da urbanização para a ampliação do setor de serviços e financeiros. Assim, o atual momento do urbano reside mais no processo de metropolização do que no de urbanização (Leopoldo, 2017; 2020), e no âmbito da



metropolização regional, a metropolização periférica se processa, e na RMM, os municípios que fazem parte deste território institucionalizado traduzem o conteúdo capaz de desvelar a metropolização regional periférica. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de metropolização regional periférico que opera na Região Metropolitana de Manaus/RMM à luz do processo de metropolização do espaço como meio, condição e produto da produção da metropolização regional.

Nesse movimento a metropolização regional periférica operante na RMM é um processo espacialmente seletivo, que favorece um pequeno número de territórios urbanos em detrimento de outros, esse caráter espacialmente seletivo com face de desigualdade espacial está conexo aos efeitos expropriatórios em relação às populações na medida em que amplia as desigualdades dentro da área metropolitana. A metropolização regional periférica mostra heterogeneidades dentro território metropolitano e essa heterogeneidade aumenta a distância a partir do descompasso entre o território institucionalizado (o território político) e o território de fato metropolitano (território metropolizado) uma questão que afeta os espaços de convivência e os espaços de vivência com a tensão que se estabelece pela periferização.

Os municípios da RMM vistos pelo urbano (a cidade), expressam materialmente em sua paisagem, que são afetados de forma desigual pela dinâmica metropolitana, e sofrem consequências muito diferentes, ao passo que pela contradição que se estabelece demonstram o igual nas características metropolitanas, nos valores, modos de ser, ter e consumir explicitados nas cidades. Aquilo que os dados dos órgãos e agências oficiais apontam para os municípios, se exprimem nas cidades.

No plano local-regional alguns municípios parecem excluídos, lhes restando alguns fragmentos da metrópole manifestos no urbano, aparecem então como periferias contidas pelo centro, a metrópole Manaus, cujo domínio é constantemente reforçado. A metropolização aumenta a polarização do território metropolitano em alguns centros urbanos, sendo assim, nem todos os municípios participam da mesma forma da dinâmica metropolitana, de modo que as desigualdades majoram, expressando a metropolização regional periférica na RMM, como meio, condição e produto da metropolização regional, que se reproduz regional e desigualmente de modo “energizado” pelo desenvolvimento regional desigual.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico e procedimental, o trabalho se ancorou em uma perspectiva crítica, com o movimento do pensamento centrado em matrizes teórico-metodológicas oriundas do método dialético, ou seja, a trajetória da crítica se deu pelas



aberturas do método dialético em que “os pesquisadores confrontam as opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições” (Lefebvre, 1983, p.171),

Dentro da perspectiva do método dialético, o trabalho analisou o objeto a partir de pares contraditórios ou tríades compondo a relação entre sujeito e objeto, que se dá de modo contraditório, “uma contradição que conserva os contraditórios, em que busca-se captar a ligação, a unidade, o movimento que os opõe, e neste sentido, a contradição dialética é uma inclusão dos contraditórios um no outro” (Lefebvre, 1983, p. 238) e, conforme Sposito (2004, p. 46) não ocorre a soberania de nenhum deles, logo “o sujeito e objeto se constrói e se transforma vis-à-vis o objeto e vice-versa”, caracterizando-se pela análise crítica. As noções dos pares e tríades compõem esse arcabouço analítico, a saber, as noções de: implosão e explosão; homogeneização, fragmentação e hierarquização; forma, função e estrutura; e ainda, o espaço como meio, condição e produto, ambas, constituindo-se a partir de matrizes teórico-metodológicas de cunho dialético.

A implosão e explosão da metrópole, entendeu o processo de metropolização como difusão dos valores, dos signos e significados da metrópole chegando a todos os espaços, inclusive rurais, portanto, temos espaços metropolitanos, que não são metropolizados (Di Méo, 2008; 2010; Lima, 2014), levando em conta que atualmente não é a urbanização o processo urbano preponderante, mas a metropolização, e ela chega a todos os espaços, com signos e significados, valores, modo de ser, de falar, de comer, de consumir, de se relacionar, de trocar, de se comunicar... que explodem da metrópole, que implode em si todos eles, concentrando-os e colocando seu entorno metropolitano na condição de periférico. Uma abissal concentração (de pessoas, atividades, riquezas e pensamentos), conjunta a uma imensa explosão, com a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias).

A orientação metodológica atentou ainda às noções de forma, função e estrutura estabelecendo diálogo com a discussão espacial do urbano e a dimensão do metropolitano muito recorrentes nos estudos urbanos recentes. Milton Santos (1985) analisa forma, função, estrutura e processo como categorias de análise do método geográfico. Quando analisados, dialeticamente, em conjunto, relacionados entre si, constroem a base teórica e metodológica para a discussão dos fenômenos espaciais em sua totalidade. Milton Santos (1985) dialoga assim com Lefebvre (1971) ao aludir que as noções de forma, função e estrutura, são indissociáveis entre si, interpenetrando-se dialeticamente, no sentido de que se consideradas isoladamente tem-se uma análise incompleta, desprovida de sentido.

Por estas noções de forma, função e estrutura o entendimento da RMM atentou a produção e (re)produção do espaço urbano (Carlos, Sousa e Sposito, 2013) (Correa, 1995) como



iluminador da produção e reprodução do metropolitano, e como a forma, função e estrutura metropolitana exprime a lógica do processo de metropolização regional periférico. Este entendimento acerca da produção e reprodução do espaço, se fez mediado pela produção do espaço, que contempla a sua própria reprodução, e possuindo um caráter histórico, seu movimento aponta as tendências contraditórias a partir de uma dupla determinação: a produção *strictu sensu* voltada exclusivamente ao processo de produção de objetos, e a produção *lato sensu* voltada a produção do próprio homem.

A Região Metropolitana de Manaus foi pensada pela tríade Lefebvreana da homogeneização, fragmentação e hierarquização (Lefebvre, 2006). Homogêneo, pois se reproduz sob a ótica do capitalismo em condições análogas a espaços globais, com os mesmos valores, pelas mesmas lógicas, conflitos, razões e com as mesmas contradições em graus e intensidades dessemelhantes, contudo cada vez mais uma produção de espaços semelhantes mundo afora, universalizados, padronizados. Fragmentado porque se parte, cinde, encontra-se em pedaços, produzindo isolamentos, grupos, *pseudoconjuntos* precariamente articulados com seus arredores e centro, portanto, subjugando seu entorno, a região em grande parte, à condição de espaços periféricos, um espaço aparentemente homogêneo que instaura a segregação, “as diferenças fragmentam o homogêneo” e “cada fragmento se hierarquiza em relação a outros fragmentos e é, nesse sentido, que o espaço se apresenta hierarquizado. Nessa hierarquia se produz dominação e subordinação, bem como, valorização e desvalorização” (Lencioni, 2017, p. 25 e 26). Assim, nesta região metropolitana se expressam conjuntamente espaços homogêneos, fragmentados e hierarquizados no contexto da metropolização regional periférica.

Com a finalidade de alcançar resultados diante do arcabouço metodológico supramencionado, lançou-se mão de procedimentos que permearam campos de cunho teórico-metodológico, empírico e técnico, entre os quais: 1. **Procedimentos de cunho teórico-metodológico:** levantamento e revisão da literatura a fim de dar sustentáculo conceitual, teórico e metodológico; 2. **Procedimentos de cunho empírico:** levantamento de dados primários em que se valeu de trabalhos em campo, entrevistas abertas com sujeitos partícipes do momento de institucionalização da RMM, gestores dos municípios (prefeitos, secretários), e ainda, moradores autóctones, empresários locais e representantes de coletivos atuantes em nível municipal; levantamento de dados secundários em órgãos e agências oficiais (IBGE, Suframa, Secretarias do Estado e municípios, Prefeituras Municipais, e demais entidades apontadas como repositoras de dados oficiais); observação de leis, planos, programas de interesse ao tema; utilização de notícias de relevância informativa sobre o objeto de estudo em canais jornalísticos; sistematização de dados primários e secundários; utilização de redes sociais (Instagram,



facebook) e canais do YouTube com entrevistas relevantes sobre a organização do espaço metropolitano; 3. **Procedimentos de cunho técnico:** utilização de mapas e esquemas representativos das análises; elaboração de gráficos, quadros e tabelas; registros fotográficos de expressão ilustrativa quanto às observações.

REFERENCIAL TEÓRICO

É faz necessário lançar mão de abordagens científicas múltiplas atinentes ao fenômeno metropolitano em que se trabalhou a partir dos principais conceitos, a saber, a metrópole, o processo de metropolização e formação de territórios metropolitanos. Os países expressam suas leituras a partir de suas realidades empíricas, no entanto, os processos e dinâmicas impulsionadores, são de incidência global, assim, acabam por se difundirem, em maior ou menor amplitude por todos os lugares, das grandes às pequenas cidades.

Para ponderar acerca da metropolização regional periférica, convém retomar algumas reflexões, de cunho teórico, partindo da centralidade da metrópole que revela sobre si que há um espraiamento da metrópole de modo global, isso implica no fato de que das metrópoles emanam características metropolitanas quer seja no urbano, quer seja no rural. Uma metrópole pode ser apreendida pela sua forma urbana, materializada, difundindo sua continuidade às cercanias, contudo, muito mais se pode apreender sobre a metrópole e do processo de metropolização, pelo modo de/do ser do/no espaço, inclusive pela sua disrupção.

A metropolização do espaço elucida uma nova fase da modernização capitalista (De Mattos, 2010), se constituindo como uma metamorfose da urbanização (Lencioni, 2006b), com mudanças qualitativas nas relações sociais e no espaço para algo diferente do que conhecemos (Lencioni, 2011), engendrando novas morfologias urbanas, “muito mais articuladas e densas, ao mesmo tempo descontínuas, dispersas, sem limites precisos” (Moura, 2013, p. 30), uma *metropolização expandida ou dilatada* (De Mattos, 2004, 2010, 2012). “O espaço em metropolização não se constitui por configurações homogêneas, mas se compõe de unidades sob diferentes estímulos, distintas capacidades de resposta e, conseqüentemente, em diferentes tempos de inserção na mesma dinâmica de metropolização” (Moura, 2021, p. 324).

Lencioni (2017) em consonância com Ascher (1995) aponta que tal processo não se restringe às áreas metropolitanas, e que possui uma forte dimensão cultural, acompanhada de profundas alterações da cultura mercantil, logo, atinge as esferas da vida e espaços de toda ordem, com hábitos culturais e valores urbanos que se difundem das metrópoles para cidades pequenas e médias, e desta forma a metropolização alcança espaços para além das metrópoles, e “embora persista o processo urbano, a direção e o domínio socioespacial são emanados dessas



metrópoles de novo tipo” (Lencioni, 2017, p. 31), modos de pensar, agir, de querer ser das pessoas, inclusive, a expressão de valores e ideias passam a ser, em grande medida, emanados das grandes metrópoles.

A metropolização produz e reproduz marcas, sinais, características metropolitanas no espaço, transformando as estruturas preexistentes, independente destes espaços serem metrópoles ou não, espaços metropolitanos ou não, espaços metropolizados ou não, logo, não estando restrito as áreas metropolitanas (Ascher, 1995). Para Lencioni (2006) a metropolização indica processos relativos ao espaço e não à cidade, então a metrópole se relaciona à cidade, já a metropolização ao espaço, podendo transformar cidades em metrópoles e se regionalizar, uma vez que “sob o império da metropolização do espaço se produz uma regionalização” (Lencioni, 2017, p. 40).

Para Leopoldo (2020) a metropolização regional ganha intensidade e complexidade no território brasileiro no século XXI, fundamentando as novas estratégias do capital. Se a regionalização metropolitana é composta por regiões metropolitanas reais, formais e outras que não possuem esta qualificação, pode-se dizer ela passa “a expressar o novo desenvolvimento regional desigual do território nacional, constituindo dialeticamente, na virada do século, a metropolização regional” (Leopoldo, 2020, p. 87) logo, passa-se da regionalização metropolitana à metropolização regional, esta compreensão permite avançar sobre a interpretação do desenvolvimento regional desigual, além de permitir a compreensão de que a metropolização regional é um processo mais amplo do que a regionalização metropolitana, se estabelece “como a nova dialética da produção do espaço” (Leopoldo, 2020, p.87) e como “política do espaço” (Leopoldo, 2020, p. 95).

A metropolização regional, “é um processo mais determinado, que se relaciona com a produção das grandes formas espaciais que são produtos do movimento de regionalização da metropolização do espaço, como a rede de regiões metropolitanas”, assim a metropolização regional é “um processo concreto, produzido e vivido regional e desigualmente” (Leopoldo, 2017, p. 37), e a Região Metropolitana de Manaus/RMM exprime-se como universo empírico desta análise e, mais ainda, tem na metropolização regional periférica o meio, a condição e o produto da metropolização regional como um processo “concreto, produzido e vivido regional e desigualmente” (Leopoldo, 2017, p. 37) de caráter muito mais intenso, ampliado pela reafirmação da ditadura do periférico da RMM evidenciada nas cidades e materializada em sua paisagem urbana.

Assim, tem-se na produção da Região Metropolitana de Manaus um processo de metropolização regional periférica que é antes, iluminado pela metropolização regional e pelo



desenvolvimento regional desigual de modo ampliado, ou seja, uma metropolização que revela, cada vez mais, a ampliação da desigualdade, das contradições, das privações e ausências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da metropolização regional periférica na Região Metropolitana de Manaus, fora observada a partir da paisagem urbana (re)produzida, aliadas ao cotidiano vivido e aos processos inerentes ao espaço metropolitano. Os estudos urbanos em Geografia vêm assinalando uma gama de novos aspectos vinculados a reestruturação do capital e como se apresentam materializados no espaço das cidades. São as novas formas de organização produtiva, redefinições quanto à divisão do trabalho e do próprio trabalho em si, que implicam, conjuntamente, em novas expressões espaciais na paisagem urbana.

A paisagem urbana revela além da observação objetivada, a esfera das relações (econômicas, políticas, culturais), dos “jeitos” de ser, o valorizar ou dar sentido aos elementos da vida cotidiana desde o consumir até o desejar, revelando as complexidades do processo de metropolização contemporâneo, que permeia a difusão da metrópole pelos seus sentidos, significados e valores, impressos na paisagem da cidade. Logo, duas dimensões da paisagem são relevantes nesta abordagem, uma dimensão subjetiva e outra objetiva.

Considerando elementos subjacentes à análise urbana, um dos grandes desafios impostos face ao fenômeno urbano recente é o de capturar a materialização e as duas dimensões desse processo espacial, assim que se objetiva identificar o processo de metropolização utilizando-se da organização do espaço a partir da produção do espaço que reproduz paisagens diferentes daquelas preexistentes alterando-as, agora estas passam a se estabelecer pelas condições de novas atividades de comércio e serviços presentes, conectados às novidades que emanam dos grandes centros urbanos, metropolitanos, ora difundidos pelas metrópoles, para além delas.

Para essa abordagem então, a análise da paisagem urbana é fundamental para compreender o processo de metropolização, especialmente em regiões periféricas, como fora aludida por De Lima (2024) ao tratar da RMM, a partir da manifestação de um processo de metropolização regional periférico, expressando as desigualdades e contradições nas condições metropolitanas.

Essa metropolização traz à tona questões sociais, econômicas e ambientais que moldam a dinâmica urbana, todavia, este texto busca explorar a importância da paisagem urbana na leitura desse processo, referenciando a dinâmica comercial e de serviços das cidades metropolitanas.



Segundo Santos e Silveira (2006, p.322) “[...] a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar”. Expressão importante no espaço são as novas racionalidades imbricadas nas dinâmicas de comércio e serviços como indicadores de um processo mais complexo e dinâmico, como a metropolização, que não se desenvolve de maneira homogênea no espaço, mas resultam da própria lógica atual do capital em regiões periféricas, marcado por desigualdades e repleto de sentidos que atuam em escala global, identificados pela emergência de comércios e serviços evidenciados na paisagem urbana das cidades metropolitanas.

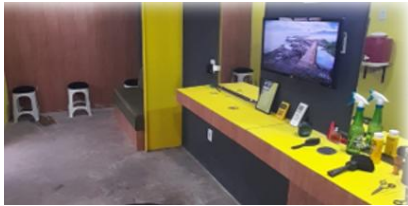
Na RMM, a paisagem se apresenta, além da metrópole, anunciando que os valores não partem somente de Manaus, sua metrópole, como de outras metrópoles, incluindo as globais. A paisagem metropolitana permite por meio das formas – enquanto expressão da materialidade e, do seu conteúdo social – enquanto expressão do movimento da vida, compreender o espaço a partir da aparência, lendo a reprodução metropolitana como uma ininterrupta produção, no sentido de que “ato de reproduzir é sempre a própria produção em movimento” (De Lima, 2024, p.326). A metropolização regional é então analisada em escala local, a partir de um processo global, mas que se expressa como a produção do espaço metropolitano contemporâneo, observado nos doze municípios, excetuando-se a metrópole, considerados os seus centros urbanos, espaço em que as características metropolitanas são mais expressivas, embora não restritas aos centros urbanos.

O quadro 01 expõe sinteticamente algumas das paisagens identificadas que se constituem em paisagens relevantes para se pensar a metropolização que se processa no espaço urbano destes municípios metropolitanos:

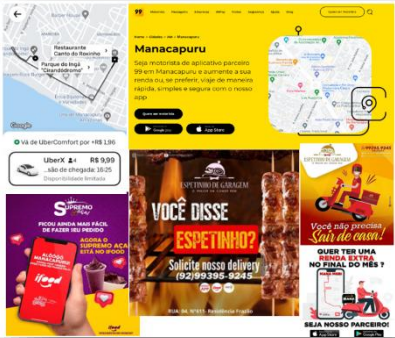
Quadro 01 – Síntese das paisagens metropolitanas na RMM

Municípios da RMM	Descrição	Paisagem Materializada
Autazes	A empresa é subsidiária brasileira da Brazil Potash, com sede em Toronto, e controlada pelo grupo Forbes & Manhattan (F&M), banco mercantil de capital privado especializado na criação de empresas de mineração que desenvolvem projetos desta natureza em todo o mundo, esta articulação em escala internacional aponta as redes de alcance que põem Autazes na condição de centralidade, por deter a riqueza mineral de interesse multiescalar. Neste projeto, executa-se localmente a exploração e beneficiamento do minério de potássio (silvinita), matéria prima para a produção de fertilizante a ser usado no agronegócio.	Fig. 02 – Projeto Potássio Autazes  Fonte: https://potassiodobrasil.com.br/



Careiro	A cidade do Careiro possui um incipiente cotidiano metropolitano expresso na paisagem urbana, por meio de um comércio simples, serviços simples, com baixa modernidade tecnológica, porém apontando um cotidiano que provém da metrópole a partir das redes de comércio regional, pelas lojas Bemol e TvLar, que se articulam regionalmente.	Fig. 03 – Lojas de comércio regional  Fonte: De Lima, 2024.
Careiro da Várzea	O padrão de construção visível na cidade de Careiro da Várzea expressa o duplo sentido associado ao local-global ao que tange a arquitetura dos prédios. Apresenta os aspectos simbólicos inerente ao lugar evidenciando o caráter regional, como o uso da madeira na construção, mas também apresenta as aspirações individuais e coletivas, que pode ser exemplificada pelo recorrente uso do vidro nas portas e janelas, inserindo na arquitetura vernacular, sem arquiteto, engenheiro, e talvez sem saber dos grandes nomes da arquitetura, agregam maior valor de troca ao imóvel, sem excluir o valor social dado às construções de estilo arquitetônico considerados importantes coletivamente, o atual e moderno que se usa nas metrópoles e mais dinâmicos centro urbanos.	Fig. 04 – Arquitetura do “envidraçamento”  Fonte: De Lima, 2024.
Irاندوبا	A barbearia Oliver, é a primeira em Irاندوبا a oferecer um estilo de ser do homem metropolitano, que com o OliverClub, oferece o serviço de barbearia com planos mensais de assinatura, que operam sob a lógica da moda metropolitana em estilos de cortes de cabelo. Embora a singeleza do espaço, suas propagandas e serviços prestados propagam a operacionalização com ênfase no global, anunciando que se trata de um estilo global (até na sua propaganda), porém com as condições que se pode oferecer do ponto de vista do ambiente de prestação de serviço.	Fig. 05 – Barbearia Oliver   Fonte: De Lima, 2024.
Itacoatiara	A cidade desempenha centralidade expressiva no contexto regional com atividades e serviços modernos, capacidade de geração de emprego e renda, recepção de migrantes, turistas, e isso redundando na transformação da cidade sob os auspícios da metropolização do espaço. Destaca-se neste cenário de atração de atividades comerciais e de serviço a existência da Indústria Mil Madeiras Ltda, a <i>Precious Woods Brazil</i> além da presença do Grupo Amaggi com a indústria de grãos, que coopera para o dinamismo da cidade desde que iniciou a navegação fluvial por meio da implantação do corredor hidroviário nos rios Madeira e Amazonas, no ano de 1997, além do terminal	Fig. 06 – Rede de Fast Food Bob's e o Pub Bela Vista 



	de transbordo de grãos, por meio do qual a exportação escoar ao Oceano Atlântico, são contribuintes para a expressão da cidade com novos modos consumir mercadorias, serviços e bens semelhantes a metrópole.	 Foto: De Lima, 2025.
Itapiranga	O colorido grafitado em Itapiranga é a expressão do metropolitano pelo uso da arte Graffiti, Street Art e Fine Art, realizado pela Point Paint Graffiti® que possui marca registrada e atua com trabalhos em Manaus e Boa Vista/RR, atendendo aos mais variados públicos, estabelecimentos e prestando o serviço para diversas entidades e instituições públicas, tais como: Bares, restaurantes, academias, cafeterias, universidades, escolas, bares, em murais fachadas, muros, paredes e etc. Trata-se de uma ideia procedente da metrópole e se estende ao seu entorno, marcando a identidade, ideias, valores, significados, conceitos, por meio da pintura. Os quiosques comerciais da orla turística, suas ruas, buscam aproximar-se da modernidade dos grandes centros, porém mantendo a imagem da cultura local. O grafite é comumente visível nas ruas das metrópoles. Em Itapiranga a imagem metropolitana, cosmopolita, de movimento da arte, do moderno, se imprime na paisagem da cidade ao passo que os desenhos pintados retratam os povos, a diversidade natural da Amazônia, seus valores regionais coletivos.	Fig. 07 – Pontos comerciais em Itapiranga_Orla turística  Fotos: 1 – De Lima, registro de campo, 2022; 2 – Prefeitura de Itapiranga, @prefeituraitapirangaam, 2022; 3 – Itapiranga/AM: @itapirangaam, 2022.
Manacapuru	Bares, restaurantes, o Uber e UberEats, o 99Pop, e outros aplicativos conectados à internet, perfazem em conjunto a rede do capitalismo de plataforma e acabam por se inserirem em um circuito econômico dinâmico no espaço da cidade que se expressa pelo movimento da cidade, sobretudo o movimento da vida noturna, com o vai e vem dos entregadores, motoristas de aplicativo, isto mostra um espaço vivido e percebido sob a ótica do urbano-metropolitano contemporâneo, como se não houvesse mais metrópoles sem este formato de trabalho, ou da precarização do trabalho, logo este código econômico explode das metrópoles e alcança diferentes lugares capazes de abrigar tal estrutura econômica, uma vez que já têm atividades, comércio e serviços capazes de absorvê-lo, como Manacapuru.	Fig. 08 – Comércio e serviço por aplicativos em Manacapuru  Fonte: De Lima, 2024.
Manaquiri	As redes de lojas Bemol e TVLar encontram-se no município como as maiores lojas do segmento. Estas redes representam uma capilaridade interessante nos municípios do Amazonas e no caso específico da rede Bemol, possui uma variedade de serviços prestados,	



	que vão desde o comercialização dos produtos da loja, como a farmácia e o serviço de crédito consignado. Trata-se de uma articulação maior com a rede de comércio regional ligado à metrópole que aumenta possibilidades de consumo local dos produtos que saem da Manaus. As redes de ensino se estabelecem em Manauquiri com as faculdades e universidade públicas e privadas, considerando um polo da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, da Universidade Federal do Amazonas/Ufam (pela UAB); Faculdades Estácio (EAD), Fametro e o Centro de Profissionalização e Educação Técnica/CPTEC, e Faculdades Boas Por intermédio destes equipamentos urbanos, tanto de comércio quanto de serviço, a cidade passa a se identificar com a Manaus diante de uma possibilidade antes restrita a metrópole, agora interiorizada, representando a própria chegada da metrópole ali por meio do serviço de educação.	Fig. 09 – Mosaico de Imagens de comércio e serviços de educação regionalizados  Fonte: De Lima:2024.
Novo Airão	A cidade metropolitana se expressa por uma paisagem voltada aos serviços turísticos, inclusive de alto valor agregado, pelos produtos turísticos, Novo Airão expande as atividades de turismo, recreação e lazer, resultando em interação com a metrópole pela relação consolidada no turismo amazônico por ser uma cidade com possibilidades da venda de sua “vocação” espacial. Das ruas, hotéis e uma rede de serviço guiado de turismo (agências e guias turísticos) intercalam-se entre o local e o global com mediação da met��pole. Novo Airão intercala com turismo, bares, hotéis o luxo com produtos t��picos do lugar, e ainda, a cervejaria artesanal Sarap�� que nomeia suas cervejas conforme elementos regionais, como as cervejas Ayr��o, a Loura Acabocada, Igarapé, ou o Taperebar, um bar e hamburgueria artesanal que agrega em seu nome o fruto regional taperebá. Além de pousadas e hotéis mais simples, que compõem a cidade e permitem um turismo para camadas sociais com menos capacidade de custear o turismo de alto valor de uso.	Fig. 10 – Mosaico de Imagens de serviços turísticos de Novo Airão: hotéis, bares e restaurantes  Fonte: De Lima:2024.
Presidente Figueiredo	O avanço da fronteira do turismo em Presidente Figueiredo, se alia aos projetos de desenvolvimento regional ali presentes, porém para o turismo, a cidade vai estabelecendo novas formas e conteúdos espaciais conferindo o “ar da novidade” na cidade, ao passo que se atribui ao turismo uma face metropolitana com a oferta das condições do cotidiano urbano, e aos visitantes, turistas, um ou outro serviço pelo qual se possa pagar mais caro, ser semelhante aos das grandes met��poles, como os Pubs, GastroBar, Restaurantes com chefes, Academias, Espaços de Beleza. Da mesma forma que as barbearias em estilo vintage, os restaurantes mais despojados, com face de	Fig. 11 – Mosaico de Imagens de Serviços turísticos de Presidente Figueiredo: GastroBar e Rede Hoteleira 



	simplicidade e que agregam conceitos de liberdade, desprendimento, voltados ao natural, a simplicidade e comprometimento com a cultura local e com o meio ambiente.	 Fonte: De Lima, 2024.
Rio Preto da Eva	Rio Preto da Eva ressalta o fluxo das pessoas pelo consumo de produtos e bens locais, e do espaço da cidade como ponto de passagem, recreação e lazer de final de semana em seus balneários, além de consumo da culinária dos cafés regionais. A propositura da implantação do distrito agroindustrial em Rio Preto da Eva corresponde a concebê-la como um modelo econômico de agronegócio industrial para o desenvolvimento regional, em que a cidade tem perspectivas de desenvolvimento urbano baseado no agronegócio e que considera o avanço do turismo, do comércio e dos serviços na cidade. Verifica-se a inserção de políticas comandadas pelo Estado a partir do modelo econômico-industrial de Manaus, articulado pela Suframa e outros poderes, o poder de comando da metrópole se espalha para a sua região metropolitana com a finalidade de articular uma regionalização econômica transformando a cidade em território da produção do agronegócio em escala industrial, com exploração do turismo e exploração mineral, uma centralidade capitalista regional com agroindústrias sediadas em seu território.	Fig. 12 – Instalação de Bioindústrias em Rio Preto da Eva  Fonte: De Lima, 2024, p. 447.
Silves	Silves possui o empreendimento da Eneva S.A. implantado no seu território para a exploração das reservas de gás natural, sendo uma das maiores operadoras integrada ao sistema nacional de energia operando com campos de produção e blocos de exploração de gás natural em Silves. Assim, as transformações socioespaciais mais notórias advindas do empreendimento da Eneva, se processam pela rodovia, pelo fluxo contínuo de caminhões transportando gás para Roraima, que em conjunto ao governo do estado têm a manutenção das estradas como duplicação, asfaltamento, reparos e sinalizações nas rodovias AM-010, AM-330 e AM-363, suporte essencial para a reprodução da lógica de reprodução do capital privado com a cobertura das esferas de governo municipal e estadual. A ação estatal na manutenção da infraestrutura das estradas privilegia além do empreendimento do gás de Silves, os fluxos de cidades da RMM em direção a metrópole Manaus, todavia, a cidade de Silves evidencia a paisagem da carência de investimentos	Fig. 13 – Vista da paisagem urbana da cidade de Silves e empreendimento da Eneva 



	urbanos, como equipamentos urbanos e prestação de serviços, portanto, de ampliação da geração de renda, empregos, da qualidade de vida, configurando uma privação do urbano. A área comercial da cidade de Silves se restringe a três ruas com maior fluxo de comércio. A economia é voltada a pecuária e agricultura, logo, trata-se de uma cidade que não tem experimentado transformações urbanas após implementação da exploração do gás, ou mesmo percebido investimentos advindos dos royalties.	
--	---	--

Fonte: De Lima, 2024.

Fonte: De Lima e Sousa, 2025.

As cidades da RMM são fornecedoras de possibilidades para o viver urbano-metropolitano, mas revelam-se, contraditoriamente, como espaços de escassez e de necessidades, uma vez que as relações de reprodução do capital são encadeadas ao desenvolvimento desigual das relações econômicas e as atividades de comércio e serviço caracterizam tais relações mediadas pelo trabalho, consumo, pertencimento às atividades mais globais e globalizantes, estando assim, o espaço “imbuído de diversas representações criadas como estratégias capitalistas e reproduzidas pela sociedade, representações estas que findam por agregar valor ou não ao espaço, caracterizando-o como uma mercadoria” (Albuquerque e Gomes, 2013, p. 5).

A paisagem materializada na RMM torna evidente os contrastes e as contradições inerentes à produção do espaço sob a lógica capitalista, a analogia entre as cidades da região metropolitana pelas atividades econômicas de comércio e serviços mostram um processo de metropolização desigual face aos processos que operam em escala global, assim, nesta comparação é notório que tal processo se dá regional e desigualmente deixando as cidades incluídas no curso da metropolização, porém evidenciando as fragilidades de viver um urbano-metropolitano carente de equipamentos e infraestruturas, *pari passo* é uma metropolização que agudiza as condições de desigualdade nos termos de Carlos (2019, p.88), ao mencionar que “Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. É o direito à participação numa sociedade de excluídos”, e assim, afirma-se que este processo é a metropolização regional periférica que imprime suas marcas na paisagem urbana da Região Metropolitana de Manaus.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metropolização regional periférica na RMM se reproduz pelas condições impostas pela reprodução do espaço metropolitano que tenta homogeneizar um processo com a anulação do modo de vida precedentes, subordinando-os às dinâmicas mais contemporâneas do capitalismo em modo ampliado.

A inserção dos municípios da RMM na dinâmica metropolitana não se dá de modo reduzido apenas a ampliação do comércio e do serviço moderno com uma face periférica, mas pela explosão da metrópole em sentido amplo, com seus valores, significados e signos em um conjunto articulado com Estado e governos para a movimentação dos “grandes projetos” de exploração mineral, de bens naturais envolvendo povos-rios-florestas, do movimento do agronegócio e do ecoturismo, que recebem financiamentos e cenário estrutural propício para seu desenvolvimento na região.

Tem-se assim, que o Estado e os governos tendem a corroborar para a ampliação de processos territorializados na RMM mais amplos ainda, com determinações grandiosas e impactantes na região com a fisionomia do desenvolvimentismo, como por exemplo, inserindo uma nova cultura em torno do agronegócio que sucumbe a cultura local desenvolvida em torno das festividades habituais das frutas (festa da laranja, do cupuaçu, da melancia, etc), dos bois bumbás e bois mirins, das manifestações religiosas locais mais tradicionais, que não recebem financiamentos conforme os montantes repassados às festividades de interesse do Estado, que não recebem incentivos na mesma envergadura articulados a financiamentos e parcerias com órgãos e/ou setores que se aliam a grandes projetos de implementação de novas formas de reprodução do espaço metropolitano.

Trata-se de um projeto contraditório de extinção e inserção cultural, que tende a ofuscar aspectos culturais preexistentes, e até eliminá-los, requerendo movimentos de luta, resistências, persistências para preservação de elementos culturais anteriores. As cidades requerem as transformações prometidas e aguardadas pela chegada dos projetos desenvolvimentistas, e se evidenciam como fragmentos da metrópole, a partir da reestruturação do espaço que ocorre nas cidades operacionalizada por agentes que promovem ações articuladas que integram o espaço a uma economia local-regional-global. Assim, há um reposicionamento da economia na RMM que extrapola a oferta de serviços e comércio, ou a existência da indústria, tratando de manifestar uma economia capitalista que se produz utilizando o espaço metropolitano como suporte para a acumulação do capital valendo-se da continuidade das formas pretéritas de apropriação, exploração, expropriação e espoliação de povos-rios-florestas.



Esses determinantes, em seu conjunto, provocam o aumento das desigualdades dentro da região, expressão da metropolização regional periférica que se dá como meio, condição e produto da metropolização regional. A metropolização regional periférica na Região Metropolitana de Manaus se dá pelo avanço das fronteiras do agronegócio, da reprimarização da economia com aportes financeiros e da implementação de grandes projetos que introjetam no espaço metropolitano, novas formas, novos conteúdos, novos valores que se espelham nas metrópoles, com ações que se processam no campo/rural moderno (agrário), invisibilizando, expropriando a mais significativa tríade amazônica: POVOS-RIOSFLORESTAS, posto que na periferia do capital e do capitalismo, sob a racionalidade do desenvolvimento regional desigual, o que impera é o processo de metropolização regional periférico como meio condição e produto da metropolização regional.

Há, portanto, uma dialética estabelecida nesta lógica de reprodução do capital e do espaço metropolitano sob o discurso do desenvolvimento econômico regional na RMM, que é a dialética da integração e da exclusão. A metropolização regional periférica se exprime materialmente nas cidades evidenciando uma forma-conteúdo emanada das metrópoles globais de modo universal e, ao mesmo tempo que as regiões periféricas se requerem globais, as persistências do local também estão presentes, essas persistências às vezes expressas como resistências, e mostram-se contraditoriamente, como a desconformidade das grandes metrópoles, exprimindo em si a desigualdade, a periferia, o não belo, o não rico, entretanto o novo, o que parece com outro lugar, o que parece com “o de fora” que traz a sensação de “parecer com” algum lugar do mundo. O belo está mesmo nas persistências, nas resistências frente a padronização e ao universalismo dos lugares.

Autazes, Careiro, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Manaquiri, Novo Airão, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva e Silves, que estando na periferia do capital, são cidades que reproduzem a metropolização regional periférica como meio, condição e produto da metropolização regional. A metrópole reconfigura suas formas de reprodução das relações de produção, que explode difundindo-se a partir da continuidade da reprodução do capital sempre espoliativa.

REFERÊNCIAS

ASCHER, François **Metápolis ou l’avenir des villes**. Paris: Ed. Odile Jacob. 1995. 346p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**, São Paulo: Contexto, 2013.



CARLOS, Ana Fani Alessandri. Uma Geografia do espaço. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

DE LIMA, Susane Patrícia Melo. **A metropolização regional periférica aquém da metrópole**: A Região Metropolitana de Manaus vista do lado de lá. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Departamento de Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais/IFCHS. Manaus: UFAM, 2024.

DE LIMA, Susane Patrícia Melo; SOUSA, Isaque dos Santos. Metropolização, produção do espaço e paisagem urbana na Região Metropolitana de Manaus. In. DE LIMA, Susane Patrícia Melo de; SOUSA, Isaque dos Santos; CONCEIÇÃO, Francilene Sales. **Amazônias: o urbano, o metropolitano e o agrário**. Embu das Artes/SP: Alexa Cultural. Manaus/AM: Edua, 2025.

DE MATTOS, Carlos A. Redes, nodos e cidades: transformação da metrópole latinoamericana. In: RIBEIRO, Luiz. César de Queiroz (Org.). **Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Rio de Janeiro: FASE – Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional, 2004.

DE MATTOS, Carlos A. **Globalización y metamorfosis urbana en América Latina**. Quito: OLACCHI: MDMQ, 2010. (Textos Urbanos, v. 4).

DE MATTOS, Carlos. A. *et al.* **Notas sobre una falsa disyuntiva: redefinición de las áreas centrales v/s dispersión urbana**. Tendencias recientes, evidencia empírica. Documento de Trabajo Fondecyt N°1110387. Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales. PUC Chile, 2012.

DI MÉO, Guy. La métropolisation. Une clé de lecture de l'organisation contemporaine des espaces géographiques. In. **L' Information géographique**. Vol 74. 2010. p. 23 à 38. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-l-information-geographique-2010-3- page-23.html> Acesso em 12 de janeiro de 2021.

DI MÉO, Guy. Introdução ao debate sobre a metropolização. In. **Confins** [Online], 4. 2008. URL:<http://journals.openedition.org/confins/5433>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.5433>. Acesso em 22 de fevereiro 2021.

LEFEBVRE, Henry. **L' idéologie structuraliste**. Paris: Éditions Anthropos, 1971.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica formal e lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original): **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão: 2006.

LENCIONI, Sandra. Uma nova determinação do urbano: o processo de metropolização do espaço. In. CARLOS, Ana Fani A.; LEMOS, A. I. G. (Orgs.). **Dilemas Urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003. p. 35-44.

LENCIONI, Sandra. Reconhecendo Metrôpoles: território e sociedade. In. SILVA, Catia Antonia; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (orgs.). **Metrópole**: governo, sociedade e território. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006a.

LENCIONI, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. In: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz.; ELIAS, Denise. (Orgs.). **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006b, p.65 - 76.



LENCIONI, Sandra. Referências analíticas para a discussão da metamorfose metropolitana contemporânea. In: VIDAL-KOPPMANN, Sonia; HIDALGO, Rodrigo; PEREIRA, Paulo César X. (Orgs.). **Transformações sócio-territoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. São Paulo: FAUUSP, 2011. p. 51 – 64.

LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, Álvaro *et al.* **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rural**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 17-34.

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LEOPOLDO, Eudes. **Financeirização Imobiliária e Metropolização Regional: o Alphaville na implosão-explosão da metrópole**. 2017. 500f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LEOPOLDO, Eudes. Metropolização regional e nova regionalização do capital. In. **Caderno Metrópole**. São Paulo, v. 22, n. 47, pp. 85-102, jan/abr 2020.

LIMA, Marcos Castro de. **Quando o amanhã vem ontem: a institucionalização da Região Metropolitana de Manaus e a indução do processo de metropolização do espaço na Amazônia Ocidental**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, 2014.

MOURA, Rosa. Configurações espaciais na metropolização brasileira. In. **Revista Eletrônica e-metropoles**. Nº 13. Ano 4. 2013. Disponível em: http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/013/original/emetropolis_n13.pdf?1447896342. Acesso em 14 de março de 2021.

MOURA, Rosa. O que há em comum na natureza de metrópoles e cidades de fronteira? In. MOURA, Rosa; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas (orgs.). **Espaços Metropolitanos: processos, configurações, metodologias e perspectivas emergentes**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021. p. 139 – 164.

SANTOS, Milton. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. In: **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.